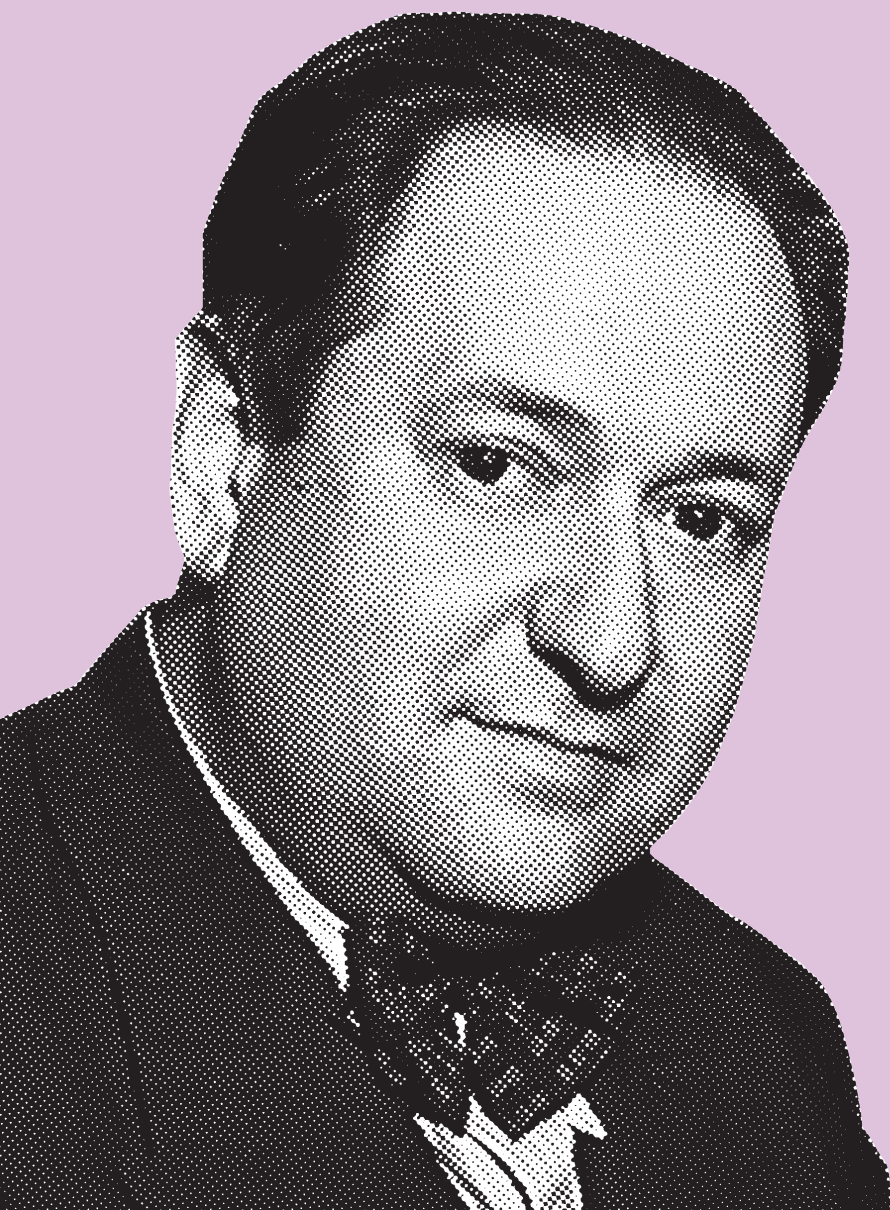


TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO



MOSTEIRO DE
SÃO BENTO DA VITÓRIA
27 MAR 2024

MUSICAL MENTE

Ciclo de
concertos
com prelúdios
políticos

Korngold
Liberdade
Exilada



qua—19:00

Filipe Pinto-Ribeiro
e Rosa Maria Barrantes (piano)
Mario Hossen
e Valerie Leopold (violino)
Marta Potulska (viola)
Liliana Kehayova (violoncelo)
Leonor Amaral (soprano)

Erich Wolfgang Korngold
(1897-1957)

PRIMEIRA PARTE

Four Shakespeare Songs, op. 31
(1937-41)

- I. Desdemona's Song
- II. Under the Greenwood Tree
- III. Blow, Blow, Thou Winter Wind
- IV. When Birds Do Sing

Quatro peças para violino e piano,
op. 11, da música para *Much Ado
About Nothing*, de Shakespeare
(1918-19)

- I. The Maiden in the Bridal
Chamber
- II. Dogberry and Verges. March
of the Watch
- III. Scene in the Garden
- IV. Masquerade. Hornpipe

Songs of the Clown, op. 29 (1937)
(com textos de Shakespeare)

- I. Come Away, Death
- II. O Mistress Mine
- III. Adieu, Good Man Devil
- IV. Hey, Robin
- V. For the Rain, it Raineth Every
Day

SEGUNDA PARTE

Quinteto para piano, dois violinos,
viola e violoncelo, op. 15 (1921)

- I. Mäßiges Zeitmaß, mit
schwungvoll blühendem
Ausdruck
- II. Adagio
- III. Finale. Gemessen beinahe
pathetisch – Allegro giocoso

Marietta's Lied, da ópera *Die tote
Stadt*, op. 12, para voz, piano e
quarteto de cordas (1916-20)

prelúdio político

Irene Pimentel

curadoria

Filipe Pinto-Ribeiro

coorganização

DSCH - Schostakovich Ensemble
Teatro Nacional São João

dur. aprox. 2:00
M/6 anos

Notas ao programa

SÓNIA GONÇALVES DA SILVA*

Erich Wolfgang Korngold – compositor austríaco nascido na cidade de Brno em 1897, dotado de uma admirável e precoce aptidão artística – cedo se destacou no panorama musical da primeira metade do século XX, impressionando vultos como Gustav Mahler, Alexander von Zemlinsky, Richard Strauss, Engelbert Humperdinck, Giacomo Puccini, Jean Sibelius ou Bruno Walter. Em 1934, rumou aos Estados Unidos da América (a convite do produtor, encenador e realizador Max Reinhardt), onde acabaria por exilar-se devido à sua condição de compositor judeu proscrito pelo nazismo. Em Hollywood, desenvolveu um bem-sucedido percurso profissional enquanto compositor de música para cinema (conquistou dois Óscares, em 1936 e 1938, com as partituras compostas, respectivamente, para *Anthony Adverse*, de Mervyn LeRoy, e *The Adventures of Robin Hood*, de Michael Curtiz e William Keighley). Do período do pós-guerra datam, entre outras, obras como o Concerto para violino, op. 35 (de 1937; revisão de 1945), o Concerto para violoncelo, op. 37 (de 1946), ou a Serenata Sinfónica, op. 39 (de 1947), que evidenciam uma proximidade estilística do Pós-Romantismo e, portanto, um grande desfasamento em relação às tendências estéticas de então. Korngold morreu em Hollywood no dia 29 de Novembro de 1957. Após um longo período de abandono e esquecimento, verificou-se, sobretudo desde finais do século XX, um movimento de redescoberta e de crescente interesse pela sua música, que tem desde então lugar assíduo nos grandes palcos de todo o mundo.

Four Shakespeare Songs, op. 31

Ao longo da carreira, Korngold abordou por diversas vezes a obra de William Shakespeare, pela qual nutria uma grande paixão: em *Much Ado About Nothing*, op.11, no arranjo que elaborou da famosa partitura de Felix Mendelssohn para a película *A Midsummer Night's Dream* (de Max Reinhardt); em *Songs of the Clown*, op. 29; em *Four Shakespeare Songs*, op. 31; finalmente, na quinta e última canção de *Fünf Lieder*, op. 38. Escritas em 1937, *Four Shakespeare Songs* integraram, em 1941,

a produção americana de Max Reinhardt, *Shakespeare's Women, Clowns and Songs*. As quatro canções sucedem-se de forma contrastante: a primeira, cujo texto foi retirado da peça *Othello*, descreve a tristeza de Desdemona, uma mulher abusada, menosprezada e caluniada por Othello, seu marido; o texto da segunda canção (assim como os das duas seguintes) provém da comédia *As You Like It*, e convida ao esquecimento das preocupações da vida; a terceira canção expressa as dores do desgosto amoroso; o ciclo termina retratando a doce alegria do amor primaveril.

Quatro peças para violino e piano, op. 11, da música para *Much Ado About Nothing*, de Shakespeare

Foi em 1918, a convite de Max Reinhardt (que conhecera em Munique, em 1910, quando da estreia da oitava sinfonia de Gustav Mahler, e com quem viria a manter uma sólida e prolífica relação de amizade), que Korngold encetou a composição de música de cena para a comédia de William Shakespeare *Much Ado About Nothing*. A partitura ficaria completa em 1919, tendo a estreia da produção acontecido em 1920, no teatro do Palácio Schönbrunn, em Viena. Partindo da música de cena escrita para a peça de teatro, Korngold elaborou outras obras, nomeadamente uma *suite* para orquestra (em cinco andamentos; apresentada pela primeira vez ainda antes da estreia da peça), outra para piano solo (em três andamentos, sem a abertura e o *intermezzo* da *suite* para orquestra) e as Quatro peças para violino e piano (sem a abertura da *suite* para orquestra), estreadas no dia 21 de Maio de 1920, interpretadas pelo violinista Rudolf Kolisch e pelo compositor, ao piano.

Songs of the Clown, op. 29

Compostas no mesmo ano que *Four Shakespeare Songs*, também *Songs of the Clown* integraram *Shakespeare's Women, Clowns and Songs*, em 1941. Os textos foram retirados da comédia romântica *Twelfth Night, or What You Will*. Dotadas de grande inspiração melódica, as cinco canções que compõem o ciclo revelam a sensibilidade de Korngold para o alcance dramático das palavras de Shakespeare: o cenário sombrio e doloroso da primeira canção é expresso através

da comovente melodia da soprano, apoiada nas harmonias pungentes do piano; na segunda canção, verifica-se o recurso a uma melodia de sabor popular para ilustrar a saudade e a melancolia a que o texto alude; as terceira e quarta canções refletem a mestria de Korngold no tratamento da prosódia inglesa; na última canção, destacam-se os longos melismas na linha da soprano (na palavra “rain”), sustentados pelo brilho do acompanhamento do piano.

Quinteto para piano, dois violinos, viola e violoncelo, op. 15

Obra composta no rescaldo do sucesso da ópera *Die tote Stadt*, op. 12 (cuja estreia aconteceu, em simultâneo, em Hamburgo e Colónia, a 4 de Dezembro de 1920): a fama precoce de Korngold atingia o apogeu, ganhando escala internacional. A partitura do quinteto ficou concluída em 1921, tendo sido estreada por Korngold, ao piano, no dia 16 de Fevereiro de 1923, em Hamburgo. A peça tem três andamentos: o primeiro, cuja escrita remete para um estilo próximo do Pós-Romantismo, revela um espectro emocional alargado, sublinhado por constantes mudanças de textura; o segundo andamento consiste numa envolvente série de nove variações a partir de um tema baseado na canção “Mond, so gehst du wieder auf”, do ciclo *Lieder des Abschieds*, op. 14, escrito por Korngold entre 1920 e 1921; o terceiro andamento, pleno de expressividade e dramatismo, consiste num engenhoso e inventivo rondó final.

Marietta's Lied, da ópera *Die tote Stadt*, op. 12, para voz, piano e quarteto de cordas

Arranjo da autoria do pianista Bengt Forsberg da célebre ária “Glück, das mir verblieb”, da ópera *Die tote Stadt*, op. 12, de 1920 (libreto de Paul Schott – pseudónimo colectivo de Korngold e do seu pai, Julius Korngold –, a partir do romance simbolista *Bruges-la-Morte*, de Georges Rodenbach). Arraigada na tradição do Romantismo alemão, a ópera apresenta uma estrutura requintada e conta uma história obsessiva, um retrato onírico do amor para sempre perdido, repleto de associações entre o desejo sexual e o luto. Os protagonistas são Paul (um viúvo obcecado pela falecida mulher, Marie) e Marietta

(uma bailarina prodigiosamente parecida com Marie). O número *Marietta's Lied* é apresentado na quinta cena do primeiro acto, durante o primeiro encontro entre os dois protagonistas, quando Paul pede a Marietta que cante uma canção que Marie costumava cantar.

* Musicóloga.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

Filipe Pinto-Ribeiro



Um dos grandes pianistas portugueses da atualidade. Diplomado e doutorado pelo Conservatório Tchaikovski de Moscovo, onde estudou com Lyudmila Roschina, encetou desde então uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas mais conhecidas salas e com as principais orquestras portuguesas, e em reputados palcos e séries de concertos da Europa e América do Norte. Momento importante no seu percurso foi a criação, em 2006, do DSCH – Schostakovich Ensemble, um agrupamento de geometria variável onde se tem reunido com muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo. Foi a partir desse Ensemble que criou em 2015 o Festival e a Academia Verão Clássico, que se realiza anualmente em Lisboa, hoje um dos mais importantes festivais e academias musicais de verão do mundo. É diretor artístico do Festival de Música dos Capuchos e do Bragança ClassicFest. Em 2022, criou o Juventus Ensemble, uma plataforma intergeracional que junta músicos consagrados e talentos emergentes. Da sua discografia, destaque-se, a solo, o CD *Piano Seasons*, com obras de Tchaikovski, Carrapatoso e Piazzolla/Nisinman; em música de câmara, a integral para piano e cordas de Schostakovich e um disco com Trios de Beethoven, editados pela Paraty/Harmonia Mundi. Recebeu da marca de pianos Steinway & Sons a distinção de Artista Steinway, em 2014.

Rosa Maria Barrantes



Inicia estudos musicais em Lima, a sua cidade natal, no Peru. Estuda depois na Universidade Católica de Santiago do Chile, com a pianista María Iris Radrigán. Ingressa no Conservatório Tchaikovski de Moscovo, na classe da professora Natalia Troull. Ainda em Moscovo, forma um duo pianístico com Filipe Pinto-Ribeiro, que desde essa altura se tem apresentado em Portugal, nos Estados Unidos, na América Latina e em vários países europeus. O duo gravou um álbum, elogiado pela imprensa especializada, com obras de Debussy, Fauré, Ravel, Satie e Poulenc. Em música de câmara, foi membro do Trio Americano e é colaboradora frequente do DSCH – Schostakovich Ensemble. Tem tocado com grandes músicos do panorama internacional, como Anna Samuil, Corey Cerovsek, Adrian Brendel, Pascal Moraguès, Marcelo Nisinman, Héctor del Curto, Chen Halevi, Jack Liebeck, Gary Hoffman, entre outros. Foi professora de piano e música de câmara na licenciatura em Música do Instituto Piaget. É docente de piano no Conservatório Metropolitano de Lisboa e coordenadora do Festival e da Academia Verão Clássico.

Mario Hossen



Um dos virtuosos do violino e dos principais intérpretes da música de Paganini. Como solista, tocou com orquestras de renome, como a Filarmónica de Londres, a Sinfónica de Viena, a Orquestra della Scala di Milano, a Academy of Saint Martin in the Fields, a English Chamber Orchestra, a Sinfónica Tchaikovski de Moscovo,

entre outras. Toca um repertório que vai do Renascimento à música contemporânea e ao jazz. Recebeu vários prémios de prestígio, entre os quais o Prémio Cidade de Sófia, como Músico do Ano. É diretor artístico do Festival Internacional de Varna, o mais antigo festival de música da Bulgária. Editou a obra completa de Paganini para violino solo e violino com orquestra e gravou vários álbuns com as peças mais famosas deste compositor. Os seus lançamentos mais recentes incluem as sonatas para violino e piano de Beethoven, os concertos para violino de Paganini e Bruch, e as sonatas para violino e cravo de Bach, gravadas com Piero Barbareschi. Dirige, como maestro, a Orquestra de Câmara de Viena na temporada Concert Spirituel. Toca um violino construído por G.B. Guadagnini (1749), cedido em exclusivo pelo Banco Nacional da Áustria.

Valerie Leopold



Diplomada pela Universidade de Música e Artes Performativas de Viena, onde estudou violino e música de câmara com Eugenia e Juri Polatschek, Amiram Ganz e Johannes Meissl, e viola com Alexander Zemtsov. Organizou o ciclo de concertos de música erudita Musik ist Trumpf no DonauTechno, em Viena, em 2012 e 2013. Com o Hathor Ensemble, participou no Live Music Now, de 2014 a 2020, e no filme de realidade virtual *Ballavita*, da Amilux Film. Toca na Fabia Mantwill Orchestra e é membro da Stegreif – The Improvising Symphony Orchestra Berlin, desde 2018. O agrupamento utiliza o repertório sinfónico para criar conceitos de performance através da reinterpretação musical, integrando-a nos diferentes mundos de som, improviso e movimento. Dedicando-se à consciência corporal, ensina e explora o Franklin Method, enquanto educadora. Diretora do Leopold Fine Arts, projeto especializado na arte austríaca dos séculos XIX a XXI, incluindo nomes como Egon Schiele, Gustav Klimt, Koloman Moser, Oskar Kokoschka, entre outros.

Marta Potulska



Estudou com Matthias Maurer, na Universität für Musik und Darstellende Kunst, em Graz, Áustria. Membro da Orquestra de Câmara de Viena, do Wien International Soloists Ensemble, do Varietas-Ensemble e do Ensemble do Burgtheater, em Viena. Membro fundador do Paganini Ensemble Wien. Na música de câmara, tocou com personalidades como Marek Drewnowski, Elena Denisova, Kerstin Feltz, Pierre-Henri Xuereb, Teresa Turner-Jones e Rudolf Leopold. Participa em festivais internacionais de renome, como Salzburger Festspiele, Golling Festspiele, Styriarte, Eggenberger Schlosskonzerte, St. Gallen Festival, Park City Music Festival, entre outros. Laureada em diversos concursos internacionais, incluindo primeiros prémios no Johannes Brahms Competition, na Áustria, e no International Bled Festival and Competition, na Eslovénia. Galardoada com um prémio especial na Lionel Tertis International Viola Competition, no Reino Unido. Gravou a integral para Trio de cordas e guitarra de Paganini, os Quartetos com flauta de Saverio Mercadante e a Sinfonia Concertante de Mozart.

Liliana Kehayova



Graduou-se na Escola Nacional de Música Lyubomir Pipkov, em Sófia, na classe de Anna Atanasova, concluindo o mestrado no Conservatório de Viena, sob a orientação da professora Lilia Schulz-Bayrova. Participa em vários festivais internacionais, colaborando com

músicos como Mario Hossen, Gérard Caussé, Vladimir Mendelssohn, Boris Mersson, Romain Leleu, Raffaele Mallozzi e Rudolf Leopold. Tem-se apresentado em relevantes salas europeias, entre as quais a Musikverein (Viena), Athenaeum (Bucareste), Palau de la Música (Barcelona), Bulgaria Hall (Sófia), e, como solista, com orquestras como a Sofia Philharmonic Orchestra, Mitteleuropa Orchestra Udine, Varna Philharmonic Orchestra, Sinfonietta Vratsa, Orpheus Chamber Orchestra, entre outras. Laureada em vários certames, destacando-se os primeiros prémios no concurso Fidelio, em Viena, e no Concertino Praga, na República Checa. É professora de violoncelo na New Bulgarian University, em Sófia, e desde 2014 dirige a International Music Academy Orpheus, em Viena.

Leonor Amaral



Natural de Lisboa, radicada na Alemanha. Começou os estudos de ópera em 2009, tendo estudado com Christoph Prégardien, Konrad Jarnot e Anja Paulus, em Düsseldorf, Caroline Stein, em Lübeck, e com Roberta Cunningham. Faz parte do elenco do Teatro Erfurt, onde representou os papéis de Zerlina (*Fra Diavolo*), Norina (*Don Pasquale*) e Rainha da Noite (*A Flauta Mágica*). Também representou Gretchen (*Der Wildschütz*), Mi (*Das Land des Lächelns*), Musetta (*La Bohème*), Marie (*Zar und Zimmermann*) e Adele (*Die Fledermaus*). Foi Armida (*Rinaldo*) e Frasquita (*Carmen*) no Festival Gut-Immling, e Clorinda (*La Cenerentola*) no Festival de Verão Schloss Hallwyl. No contexto da música contemporânea, cantou a obra *Hommage a T.S. Eliot*, de Sofia Gubaidulina. Em 2017, estreou a ópera *AscheMOND oder The Fairy Queen*, de Helmut Oehring, e em 2019 participou em *Three Tales*, de Steve Reich. No âmbito da

música barroca, trabalhou com o Pera Ensemble e com o Concerto Stella Matutina, com quem cantou *The Fairy Queen*, de Henry Purcell. Com a Hofkapelle München, apresentou e gravou *Der Stein der Weisen oder Die Zauberinsel*, de Mozart.

PRELÚDIO POLÍTICO

Refugiados em Portugal durante a II Guerra Mundial

Portugal, país neutral durante a II Guerra Mundial, foi dos poucos portos de abrigo europeus para um grande número de refugiados, em particular judeus, fugidos às perseguições antissemitas do regime nacional-socialista alemão. Ironicamente, foi numa ditadura autoritária e nacionalista, com simpatias pelo anti-comunismo e antiliberalismo do regime nazi alemão, que muitos refugiados, com costumes diferentes, comportamentos sociais e opiniões culturais e políticas diversas, se relacionaram com os portugueses.

A ausência de antissemitismo na ideologia salazarista, o facto de o regime ditatorial português, apesar de ter semelhanças com o regime nazi, se ter diferenciado em aspectos essenciais do alemão, assim como as circunstâncias geopolíticas da neutralidade portuguesa, acabaram por possibilitar a salvação, através de Portugal, de muitos dos perseguidos pelo nacional-socialismo. A entrada no país foi, porém, dificultada, particularmente pela PVDE – Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, sendo a sua presença apenas tolerada enquanto estada temporária de trânsito e impedido o exílio definitivo. É difícil saber ao certo quantos refugiados passaram por Portugal, devido à ausência de fontes sobre as entradas legais dos refugiados e à existência de clandestinos. Pensa-se, no entanto, que transitaram pelo país entre 60 000 e 80 000 refugiados, tendo o maior pico de entradas ocorrido no verão de 1940.

É sobre a presença dos refugiados em Portugal que me proponho falar, no contexto da Shoah (Holocausto), bem como sobre o papel da música, tanto na resistência ao nacional-socialismo alemão, como no sistema concentracionário e de extermínio da Alemanha nazi.

Irene Flunser Pimentel



Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, mestre em História Contemporânea (século XX), doutorada em História Institucional e Política Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Investigadora do IHC – Instituto de História Contemporânea. Elaborou diversos estudos sobre o Estado Novo, o período da II Guerra Mundial, a situação das mulheres e a polícia política durante a ditadura de Salazar e Caetano. Autora e coautora de vários artigos em revistas de referência e de mais de uma vintena de livros, entre os quais se citam os últimos publicados: *Do 25 de Abril ao 25 de Novembro – Episódios menos conhecidos* (2024); *O Essencial sobre a PIDE* (2024); *Zuflucht am Rande Europas 1933-45*, com Christa Heinrich (2022); *Informadores da PIDE – Uma Tragédia Portuguesa* (2022); *Holocausto* (2020), prémio da Fundação Calouste Gulbenkian/Academia Portuguesa de História. Outros livros seus foram galardoados: *História das Organizações Femininas do Estado Novo*, prémio Carolina Michaëlis, 1999; *Judeus em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial – Em Fuga de Hitler e do Holocausto*, prémio Adérito Sedas Nunes, atribuído pelo Instituto de Ciências Sociais, 2007; *A História da PIDE*, prémio especial da revista *Máxima*, 2008; *A Cada Um o Seu Lugar – A Política Feminina do Estado Novo*, prémio Ensaio da revista *Máxima*, 2011. Recebeu o Prémio Seeds of Science, na categoria Ciências Sociais e Humanas, em 2009, e o Prémio Pessoa, em 2007. É Chevalière de la Légion d'honneur francesa desde 2015.

produção executiva
Mónica Rocha

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Pedro Guimarães

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Carlos Barbosa
Joel Santos
Jorge Silva
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
Leandro Leitão

vídeo
Fernando Costa

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
Fátima Castro Silva

fotografia
Rita Carmo
(Filipe Pinto-Ribeiro
e Rosa Maria Barrantes)
Oskar Schmidt
(Mario Hossen
e Marta Potulska)
Clara Cleale
(Valerie Leopold)
Martin Zeman
(Liliana Kehayova)
Lutz Edelhoff
(Leonor Amaral)
Pedro Medeiros
(Irene Pimentel)

design gráfico
Pedro Nora

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o concerto. O uso
de telemóveis e outros
dispositivos eletrónicos é
incómodo, tanto para os
intérpretes como para os
espectadores.



APOIO



AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

TNSJ25
ABRIL 50



O TNSJ É MEMBRO



MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

